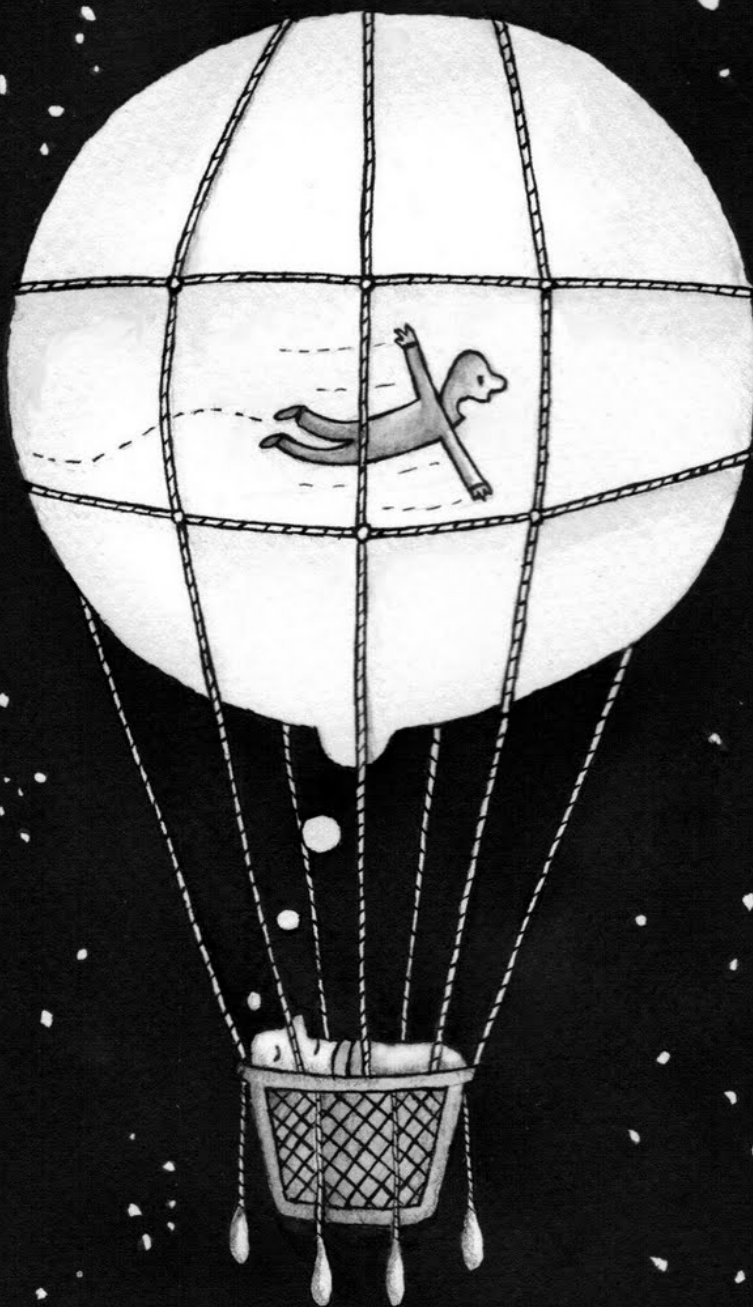
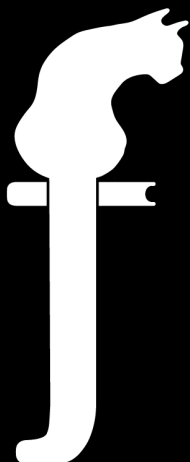


fina

edição número 6 | conversas com o vazio | 5 | contos contra o natural | 7 | versos do exílio | 9 | por onde anda nick cave? | 11 | entrevista com osvaldo de camargo | 13 | sylvia plath tem poemas reeditados | 17 | manet no rio | 20 | os tempos de fuga por giovana proença | 22 | poema de victor squella | 26 | crônica por maria paula curto | 28 |





ESPAÇO DOS LEITORES

“A última edição estava um capricho. Carola Saavedra se revelou uma das melhores autoras que temos no Brasil hoje”
Fátima Regina via e-mail sobre fina #5

“A última Flip me decepcionou muito, quando voltam os grandes escritores?”
José Abud via e-mail

“É um absurdo um livro custar mais de cem reais. As editoras não abrem mão de lucros exorbitantes, as páginas estão cada vez mais feias, mal diagramadas, o leitor perde e o país também.”
Mara Leão via e-mail

“Prêmio SP sem aquela editora vai, finalmente, voltar a revelar novos talentos”
Ivo Silva via e-mail

“Parabéns aos editores pela ‘fina!’”
Leci Sá via e-mail

“Adoro as crônicas da Maria Paula, me divirto, gosto como ela vê as coisas e comenta com um humor cáustico, digno de uma cronista raiz, algo em falta hoje na imprensa”
Paula Maciel via e-mail

Todos os textos e imagens da presente edição estão sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (BY-NC-ND 4.0).

Edição número 6. verão de 2024.

fina foi fundada em 19 de outubro de 2020.

fina é uma revista de literatura e cultura. Sem fins lucrativos, a diretriz principal é propagar ideias e incentivar a cultura do livro.

EDITOR-FUNDADOR

matheus lopes quirino

CONSELHO EDITORIAL

andr e vieira
bruno pernambuco
giovana proen a
matheus lopes quirino

EDITORA

giovana proen a

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMA O

ygor de goes sena

COLABORADORES

andr e cceres
gabriel zorzetto
maria paula curto
michele soares
victor squella

CONTATO

e-mail | redacao.revistafina@gmail.com
instagram | [@revistafina](https://www.instagram.com/revistafina)
site | revistafina.wordpress.com



carta ao leitor

CHEGOU O VERÃO

Fazer uma revista é como fazer um bebê. Existe prazer na hora da concepção. Expectativa durante o processo. Medo, angústia, sinais. Na hora do vamos ver, nunca é parto normal. Para sair um exemplar, é sempre pela via mais dolorosa. E demora. Nove meses, dez meses. Um ano, dois. Esta edição já é maturada há tempos. Perdemos as contas em revisões, devoluções, mudanças, chás de sumiço. Perdemos as esperanças. Se sai ou não sai. Se você lê este texto, saiu, cortamos o cordão umbilical.

Acontece que esse *mix* de espera e paciência, ao longo do tempo, torna-se algo corrosivo. Uma preocupação. Como tantas preocupações – somos tão preocupados – válidas para quem se aventura (essa é a palavra) pela literatura. Viver de literatura, no Brasil, só é possível quando se tem um emprego de verdade. A literatura não é um emprego, então? Claro que não. É muito mais do que isso. É paixão, vocação, tesão, seja lá como você quiser falar. Mas os poderosos não deixam os artistas em paz.

Não existe mecenato – a não ser que você seja muito rico. Os editais são escassos, complicados, repletos de burocracia. Os prêmios literários, só cartas marcadas. A edição deste ano do Prêmio Jabuti foi uma tragédia. O panorama da literatura se renova, sim. Mas as premiações, agremiações, clubinhos, patotinhas, círculos literários não acompanham. Tudo está na mão de um filho do p... pai!

Um escritor, para sobreviver, precisa de trabalhos como revisor, editor, redator publicitário, jornalista, assessor, acrobata, petwalker, Uber, terapeuta holístico, corretor de imóveis, padeiro artesanal, psicólogo, confeiteiro, atendente de telemarketing, quebra-galho, Sesqueiro, mestrando – com a devida bolsa Capes ou CNPQ, se não, não rola –, doutorando – se não tiver soltado o bastão até lá –, mascate, precisa rodar bolsinha, abrir um *Onlyfans*. Só aí, então, é possível pagar um dinheiro por um cubículo em SP, comer em bandeijões duvidosos e, por fim, escrever no tempo da madrugada – quando a insônia, materializada no tempo do boleto, é presente.

O Brasil não discute a profissão do escritor como algo sério. Não existe curso de escrita em Universidade. Tudo continua quadradinho. O escritor é esse ser distante que precisa comer o pão que o diabo amassou ou desfrutar de uma rede quatrocentona de contatos que o coloque nas mãos de um bom editor, provavelmente companheiro de copo de um bar com IPAS e brusquetas a uns 50 reais a lapada.

Nesse cenário, uma revista literária, cultural, é uma espécie de coqueiro no meio do deserto. Pode ser uma miragem, porto seguro momentâneo, um motivo de glória por um momento ou dois. Não mais do que isso. Enquanto não se pautar a educação, o acesso ao livro, a profissionalização do escritor e a distribuição de renda, o mundo da literatura continuará pertencendo aos poucos que têm condições de atravessar o deserto. Aos meros mortais, apenas ilusões, com um ou outro sucesso, isso enquanto o calor que se faz não varrer a todos nós.

A redação



CONVERSAS COM O VAZIO

matheus lopes quirino

Influenciado pelo surrealismo, autor explora as possibilidades do traço minimalista em um livro “meditação”.

Na terra do quadrinho *underground*, que teve gerações consumindo Chiclete com Banana, Glauco, Angeli, Adão, Jaguar e Laerte, seria, até poucos anos, difícil enveredar por outros caminhos. Com a cena marcada pelo humor negro, a paródia e as tintas satíricas, um traço marcado pela delicadeza é, sobretudo, um respiro. Um momento de meditação. E o ilustrador uruguaio Gervasio Troche parece ser o cara ideal para conduzir essa sessão de mindfulness pelos quadrinhos.

Conhecido por *Desenhos Invisíveis*, de 2013, e *Bagagem*, de 2016, ele vem formando uma comunidade virtual com fãs brasileiros. Sua página

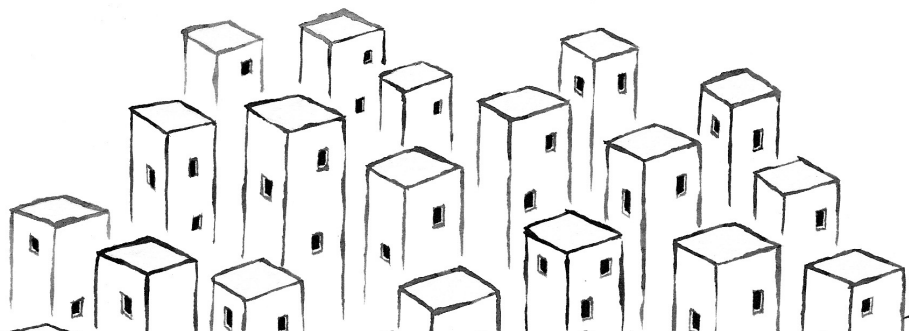
pessoal no Instagram congrega muita gente de países da América Latina, como Argentina e Uruguai, além dos franceses – que conviveu na juventude, durante o exílio dos pais na França, onde Troche teve contato com grandes nomes da banda desenhada Franco-Belga. Uma escola informal para tantas gerações de artistas gráficos.

“Acredito que o desenho, para mim, seja a linguagem mais sincera de expor minhas ideias, não me preocupo tanto em lançar rápido livros, tenho meu próprio tempo”, diz o ilustrador, que veio a São Paulo lançar seu terceiro livro. Em *Lumbre*, filetes de luz parecem conduzir os personagens em busca de clareza. Iluminação interior, sobretudo, em um mundo que sucumbe às trevas da ignorância.

Em tempos de guerras lentas e constantes, amores fugazes e olhares furtivos esquecidos como retratos que amarelam em galerias de celulares, Troche vai na contramão da velocidade que pauta o traço rápido dos cronistas da imagem: olha para dentro e desenvolve paisagens surreais e delicadas, dignas de estudos no campo da psicanálise.

“Eu gosto de ter tempo pra criar um livro. [Ao desenhar *Lumbre*] atravessamos um período único na história do mundo, a pandemia [de Covid-19], ali, comecei a rever minhas referências, a trabalhar com o tempo”. *Bagagem*, seu livro anterior, demorou três anos para nascer, já *Lumbre*, o dobro. Troche atravessou o isolamento ao lado da mãe, angustiada pelo confinamento, enquanto seguia trabalhando no livro e em outros projetos. Desde menino, aficionado do desenho, foi influenciado por bastiões como Jean-Jacques Sempé, Saul Steinberg e Quino. Mestres do traço fino e minimalista. Sua produção contempla uma faceta gráfica existencial, onde o tempo alargado é o motor. Em um cotidiano lento, colocar no papel suas inquietações foi uma espécie de bálsamo. E neste processo, o artista pondera que “acordamos em um novo mundo”.

Os sonhos: Um homem esguio segura seu próprio vazio. Outro, parece repousar em um asteroide, ou mesmo um satélite sideral. As estrelas brilham, ao longe. Uma pessoa é coberta por uma constelação. São ilustrações elaboradas que poderiam inspirar microcontos. Paisagens metafísicas que misturam elementos reais, como prédios e cordas, com pássaros velozes e poeira cósmica. Neste cenário, as luzes dão corpo a atmosferas intimistas. A vida vai se apoderando de pequenos espaços que nascem dos juncos da existência. O vazio é uma folha em branco. Troche, sua espada é o nanquim.



CONTOS CONTRA O NATURAL

giovana proença

Na coletânea “Causas não naturais”, Ana Elisa Ribeiro questiona as tais experiências universais.

O **pipoqueiro gira a manivela** e as pipocas estouram no carrinho. A cena corriqueira passa despercebida na vida urbana. Mas, da janela de um quarto de hospital, ela é notada por uma filha que assiste a mãe morrer. Um cão em agonia urina ao se livrar do sofrimento. A preocupação agora é com os procedimentos *post-mortem*: crédito ou débito?, pergunta o narrador. Os episódios apresentam os principais temas de *Causas não naturais*, coletânea de contos da escritora mineira Ana Elisa Ribeiro.

As narrativas da autora questionam a relação humana diante da morte, o dito fim universal. Contudo, podemos contestar até mesmo essa universalidade. Para uns, o leito de hospital. Para outros, “Um véu pesado, cobertor de escória, sujo, malcheiroso, impiedoso”. Ou seja, a lama que atingiu Mariana e Brumadinho, as “Duas barragens” que nomeiam um dos contos do volume.

O teor social, exposto por meio de uma crítica perspicaz, aparece também em “Marias Loucas”, narrativa que evoca o Hospital Colônia de Barbacena, a cidade-manicômio; e como muitas mulheres foram internadas por não seguirem expectativas sociais ligadas ao feminino.

Assim, os dois contos evidenciam o vínculo ao solo mineiro, ligado ao imaginário social – e às problemáticas e violações aos direitos humanos – do estado. Isso se repete em “Dois olhos negros – um diário em vinte notas”, conto escrito pelo ponto de vista de um matador que remete, por exemplo, aos jagunços de Guimarães Rosa, grande escritor de Minas Gerais.

Causas não naturais não recai, entretanto, em um localismo – ou numa tentativa de alcançar um novo regionalismo. A escritora traz temáticas de interesse humano, atravessando sentimentos coletivos. Desse modo, é notável a escolha de outro Sudeste, longe de centros urbanos de São Paulo e do Rio de Janeiro, como cenário de narrativas da contemporaneidade.

Assim como a novela *A morte de Ivan Ilitch*, do russo Tolstói, pode ser lida como a história da *vida* de seu personagem, ainda que o fim ronde os 16 contos do volume, é a vivência que motiva as ficções de *Causas não naturais*. As narrativas são perpassadas por afetos, que ora resistem, ora se esfacelam.

No conto “Duas carretas”, em que a noção de uma morte “não natural” é evocada, uma criança nunca esquece a imagem da tia, repousada no caixão. Já aquelas que presenciaram o acidente fatal, se contentam com a explicação infantil – “virou estrelinha”. É tudo questão de perspectiva. Ana Elisa Ribeiro sabe disso. Suas ficções dosam proximidade e distanciamento, por meio da escolha da voz narrativa.

A dualidade perpassa o volume. Grande parte dos títulos – como “Dois pontos”, “Duas línguas”, “Duas barragens” – já antecipa essa ideia. Vida e morte se chocam, bem como o sublime e o grotesco. A frieza aparece em meio ao sentimentalismo e à dor. Mas também há beleza em meio ao desastre, nem que seja apenas por meio da literatura.

As narrativas de *Causas não naturais* confiam na forma do conto. Por excelência, a brevidade é valorizada. Cada palavra é precisa. A coletânea é repleta de desfechos vertiginosos, últimas frases que atordoam. Sentimos o nocaute da ficção curta. No fim, somos tocados pelas comoções inevitáveis da existência humana. O grande êxito de Ana Elisa Ribeiro é um feito e tanto: questionar o que é visto como *natural*.



VERSOS DO EXÍLIO

giovana proença

Em “Ellis Island”, o francês Georges Perec combina a crítica ao Sonho Americano e ao exílio e o manifesto estético.

Na **década de 1830, um francês** chega em terras estadunidenses. Trata-se de Alexis de Tocqueville, autor de *Democracy in America*. Para Tocqueville, os Estados Unidos eram o protótipo de uma ordem democrática igualitária emergente, sem aristocracia e governada pelo governo da maioria. Em sua visão, entretanto, a ordem norte-americana encorajava o individualismo, enquanto se mantinha por meio da opinião pública e de associações voluntárias.

Mais de um século depois, Georges Perec, outro francês, observa novamente as rachaduras do *American Dream*. Em 1978, o Institut National de L’Audiovisuel encomenda ao autor e ao cineasta Robert Bober um filme sobre Ellis Island. As filmagens ocorrem no ano seguinte e a obra, em duas partes, é lançada em 1980.

Mas por que Ellis Island? A ilha foi, do final do século XIX até meados do século XX, o local onde recebia-se imigrantes na cidade de Nova York. Essa recepção, contudo, está longe de ser celebrada. Não por acaso, Perec registra os milhares de suicídios ocorridos ali, onde passavam por um processo de inspeção. Ellis Island tornou-se um símbolo da imigração e da promessa da América e já foi cotada para se tornar Patrimônio Mundial.

A América é, como escreve Perec, “uma grande esperança” que “agita a Europa”. Isso vai desde a Irlanda, sufocada pelo domínio do Império Britânico até os tormentos das guerras mundiais. Os humilhados e ofendidos europeus viam os Estados Unidos como uma nova terra, em que há esperança de ascensão – principalmente, econômica.

Ellis Island foi uma máquina de fazer americanos. Um lugar onde emigrantes tornavam-se imigrantes – cidadãos dos Estados Unidos da América. Perec discute o apagamento da identidade. Isso está presente

desde a epígrafe de Jean-Paul de Dadelsen: “O país que chamamos de nosso é/essa orla minguada em que nos encontramos jogados”. Há um duplo estatuto crítico: a explosão da pátria de origem e a não assimilação ao novo país.

Cria-se, assim, um exílio perpétuo ou, como coloca o autor, “Ellis Island é o lugar por excelência do exílio, isto é/ o lugar da ausência de lugar, o não lugar, o lugar nenhum”. Esse senso de isolamento, relacionado à dispersão e à diáspora, interessa ao autor, uma vez que ele se coloca no texto enquanto um judeu nascido em 1936, menos de uma década antes do Holocausto.

A poesia de Perec, essencialmente ensaística, é um marco contra o esquecimento – em especial, de uma ideia de origem ou pertencimento. À primeira vista, essa lírica parece anti-poética, prosaica e até mesmo não-ficcional. Mas, é preciso lembrar que Georges Perec foi um dos principais nomes do OuLiPo (*Ouvroir de Littérature Potentielle*, traduzido como *oficina de literatura potencial*).

Os membros do grupo, escritores e matemáticos, buscavam novos meios de exprimir a obra literária, desafiando os seus limites. Perec escreveu, por exemplo, o romance *O sumiço*, em que a vogal “e”, mais frequente do francês, é ausente; e Raymond Queneau tornaria-se célebre por *Zazie no metrô*.

Ellis Island é, nesse sentido, um marco das contradições do *American Dream* – próximo de Paterson, outro livro do Círculo de poemas, ainda que menos ambicioso – e de tensões que permeiam a ideia de identidade nacional. Ao fim, os imigrantes se percebem atrasados em relação à festa norte-americana. Eles não são os exploradores, mas sim os explorados. Com olhar afiado e protesto estético, Perec indaga: o que pode a poesia?

POR ANDA NICK CAVE?

gabriel zorzetto

Biografia em quadrinhos mistura ficção e realidade para eternizar Nick Cave.

A missão do designer e cartunista alemão Reinhard Kleist era difícil, afinal, retratar a trajetória de uma das mais complexas personalidades da cultura pop não é tarefa para qualquer um. A capacidade criativa do autor, contudo, superou as expectativas em *Nick Cave: Piedade de Mim*, uma impressionante e comovente biografia em quadrinhos sobre o cantor australiano, recém-lançada no Brasil pela Editora Hipotética e com tradução de Augusto Paim.

Assim como no trabalho anterior de Kleist, cujo foco era Johnny Cash (também um fora da lei que vestia preto, mas de outra geração), o objetivo não é apenas retratar, de forma linear, a história de vida do alvo escolhido, mas também incorporar a música e as personagens de suas canções na narrativa – consolidando, assim, obras que misturam ficção e realidade, mas jamais deixam de expor a essência do biografado.

No caso de Nick Cave, por exemplo, passagens dramáticas e poderosas evocam a assassinada Elisa Day de *Where The Wild Roses Grow* (dueto com Kylie Minogue), o fantasma-guru de *Red Right Hand* e o prisioneiro da canção *The Mercy Seat*. Há até um encontro místico com o lendário *bluesman* Robert Johnson (citado na canção *Higgs Boson Blues*), que teria vendido sua alma para o diabo em uma encruzilhada.

As ilustrações em preto e branco conferem uma apropriada atmosfera soturna e a maneira como Kleist desenha Cave em todas as fases de sua vida revela a transformação do trovador de acordo com o ambiente o qual ele está inserido, seja em Melbourne, Londres ou Berlim. Assim, o leitor acompanha a vigorosa transição do adolescente *punk* que criou o grupo *The Birthday Party* e, posteriormente, os *Bad Seeds*, até o senhor elegante que se veste com ternos impecáveis em seus concertos messiânicos – um deles que arrebatou os fãs brasileiros, em 2018, em São Paulo.

A relação de Nick Cave com o Brasil, por sinal, é pincelada brevemente em *Piedade de Mim*. Ele morou na capital paulista no início dos anos 90, período onde conheceu a esposa Vivi Carneiro, com quem teve um filho brasileiro. A estadia no país também representou uma mudança artística em sua discografia com o álbum *The Good Son* (1990), cuja faixa de abertura é o hino cristão *Foi Na Cruz*, com trechos em português.

Para os fãs interessados em uma visão amorosa, visceral e inventiva de Nick Cave, *Piedade de Mim* é a escolha certa. Ouvintes casuais e aqueles que conhecem pouco do músico de 66 anos, porém, terão que fazer alguma breve pesquisa antes de entrar no mundo fantástico concebido por Kleist.

Levou muito tempo para Nick Cave receber o merecido crédito e esperamos que este livro seja apenas o começo das homenagens que o artista merece.

“Reinhard Kleist, exímio narrador gráfico e criador de mitos, explodiu – uma vez mais – as convenções dos quadrinhos ao criar uma espantosa fusão de músicas de Cave, meias-verdades biográficas e fábulas inventadas, levando a uma jornada complexa, sinistra e totalmente bizarra pelo mundo de Nick Cave! E, com certeza, chegou mais perto da verdade do que qualquer biografia. Mas, só para ficar registrado, eu nunca matei Elisa Day.”

– Nick Cave (o próprio)

Nick Cave: *Piedade de Mim*
 Autor: Reinhard Kleist
 Tradução: Augusto Paim
 Editora: Hipotética
 Preço: R\$ 89,90

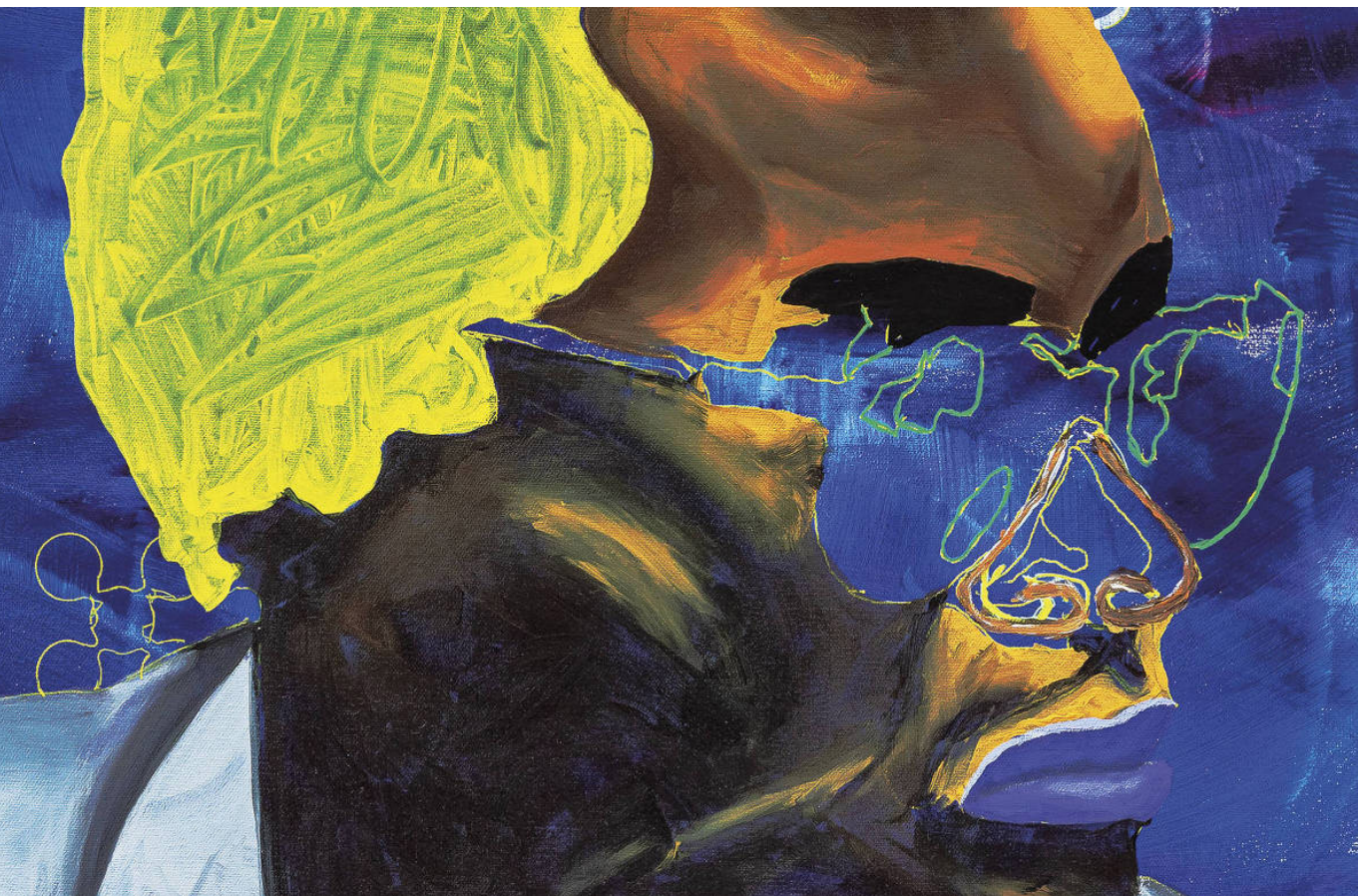


O ANONIMATO DA COR

andré cóceres

Em entrevista à **fi**na, o escritor e ativista do movimento negro Oswaldo de Camargo conta sua trajetória, fala sobre o impacto do racismo e da poesia, no momento em que lança “A Descoberta do Frio” e “Carro de Êxito”

Um menino do interior de São Paulo aprende a tirar “um som bucólico” do oboé e ganha os palcos, saudado pelos poderosos da região; um homem cuja mulher acaba de morrer leva seu único filho para ser criado por um fazendeiro; um jornalista destila sua angústia e sua solidão pelas ruas de São Paulo. O que une esses e outros personagens que figuram nos contos de *O Carro do Êxito* é que eles são negros e refletem a vivência de seu



autor, Oswaldo de Camargo, autor de *30 Poemas de Um Negro Brasileiro* e *A Descoberta do Frio*, todos recentemente reeditados pela editora Companhia das Letras.

Publicado originalmente em 1972, o livro reúne 14 narrativas que fazem um exercício de autoficção cinco anos antes desse termo ser cunhado pelo escritor francês Serge Doubrovsky. Do menino órfão criado num seminário que estudou música até o ativista e intelectual da chamada imprensa negra paulistana, cada um dos contos tem um pouco de Oswaldo de Camargo, embora suas memórias sejam ficcionalizadas.

Em comum a todas as narrativas está a questão da emancipação negra. O menino do oboé ouve de um “mulato sessentão” que sua música colabora “para perfazer a Abolição, mostrando que o negro chega lá onde o branco usufrui o celeiro dos séculos”. Já o rapaz maduro, incapaz de aturar as injustiças infligidas pela vida, busca auxílio de um negro sábio para “consultar a sapiência dele, ver se ele adivinhava que ferrugem danada me andava corroendo as entranhas d’alma” em *Por Que Fui ao Benedito Corvo*, um dos contos de maior profundidade psicológica do volume. E o repórter Lírio da Conceição, espécie de alter ego de Camargo, está a todo momento a se questionar se os avanços conquistados pelos negros não são apenas “postigos” e se fazem diferença na vida do cidadão comum, como o humilde taxista que o leva para um encontro frustrado com o embaixador da Nigéria.

Sua narrativa, que olha pelo retrovisor a filosofia grega, mostra os limites da compaixão, a intersecção entre loucura e desejo e o poder do aprendizado.

Leia abaixo a entrevista de Oswaldo de Camargo à revista fina.

Em alguns contos narrados pelo Lírio da Conceição, percebe-se uma certa hesitação dele em relação aos reais avanços do movimento negro. Como o sr. via essa questão na época e como a vê hoje?

Houve algumas mudanças, que são substanciais. O número, hoje em dia, de pensadores, autores, uma confirmação de que o negro intelectual ia crescer. Há um coletivo negro hoje que naquele tempo não havia. Então um personagem como o Lírio representa, como todos os contos, a minha pessoa, mas capto ao redor o pensamento dos outros. Você não podia, em 1970, pensar numa escritora como Conceição Evaristo, Luiz Silva e outros. No mundo, houve algumas reviravoltas, sobretudo nos últimos dois anos, em que a questão negra veio mundialmente à tona. O personagem Lírio

é fruto daquela época em que, com maior naturalidade, você punha em dúvida se de fato havia uma conquista sólida. Hoje nós já podemos falar de uma conquista sólida. Não a ideal, levando em conta que o País tem mais de 50% de gente considerada negra. Devíamos ter um coletivo enorme de pensadores, artistas etc. Não temos.

Alguns dos contos são de tremenda profundidade psicológica. Retratar a angústia íntima pode ser um artifício literário mais pungente do focar em conflitos sociais e raciais?

Eu transmito para a questão negra as minhas angústias. Minha história leva a isso. Orfandade, fui criado em instituições religiosas, católicas. Fui estudar em São José do Rio Preto porque nenhum seminário me aceitou aqui perto de São Paulo. É em primeira pessoa, mas acaba sendo a história de muita gente. Há muitos Oswaldos de Camargo que se veem refletidos nesses contos. Para escrever esse livro, peguei minhas experiências, mas também o que vejo, ouço e acho que reflete a situação do negro na cidade. Eu me considero um escritor urbano, abordo o negro jovem da cidade. Desde a época em que saiu o livro, a realidade negra continua muito dolorosa. Tenho uma família grande, seis filhos, vejo como é difícil e continua difícil ser negro. O que mais acontece no meio negro é ser esquecido. Há pessoas tão importantes que nunca são mencionadas. Existe até uma contaminação na minha ficção de coisas históricas, por exemplo [os poetas] Lino Guedes, Nair Araújo e Jacira Sampaio [atriz, a primeira Tia Anastácia do *Sítio do Picapau Amarelo*]. Na minha ficção, e acho que isso não é canonicamente ficcional, eu cito personagens, versos, para eles, ao menos no que eu escrevo, sejam lembrados.

Para escrever esse livro, peguei minhas experiências, mas também o que vejo, ouço e acho que reflete a situação do negro na cidade.

Na época em que o sr. escreveu, não se discutia o conceito que hoje chamamos de lugar de fala. O que pensa disso?

Tenho batalhado muito para que sejamos fazedores de uma literatura chamada negra, que só cabe ao negro fazer. Quando não é negro como eu, pode se chamar de literatura negrista. Eu, por exemplo, não posso escapar. Em todos os casos, eu sou um negro. Eu considero negrista autores que não têm a experiência, o lugar de fala que está pousado na comunidade negra, no viver negro. Jorge Amado é um grande caso. Ele pega conhecimentos, observa a vida do negro e fala, mas sempre uma fala de fora. Tem sua utilidade? Claro que tem, é importante. Ele está falando sobre o negro.

Mas quando se fala de literatura negra, é a que parte de uma experiência especificamente de um homem negro. Não dá para um branco se assenhorar disso. Carolina Maria de Jesus não se embrenha em tratar do negro, porque não era a questão dela. Sua questão era a luta contra a fome. Mas a própria cor é a sua fala. Quando ela escreve, só o fato de ela falar, olhar seu rosto, seu rosto já é parte da sua fala. O que não é necessário para o autor branco, porque a literatura que o Brasil escreve pertence de preferência ao homem branco.

Ao retratar uma postura otimista para o povo negro no presente, seus contos são uma resposta antecipada ao que o filósofo Frank B. Wilderson vem chamando de Afropessimismo e também ao movimento literário, estético e cultural intitulado afrofuturismo. Considera seus contos otimistas, pessimistas ou meramente um recorte da realidade?

É difícil entender sem observar o lado da minha formação religiosa. Como uma pessoa que ainda acredita, tenho que tirar possibilidades daquilo que parece impossibilidade. A despeito de algumas ironias que cometo, na verdade eu acredito que, comparando com Lino Guedes na década de 1930 até minha época, fomos dando passos como que com sapatos encharcados, mas esses passos foram dados. Pela minha história, eu devia ser amargo, desiludido. Pelo contrário. Do que foi socialmente negativo na minha vida, tentei pular para a esperança.

SYLVIA PLATH TEM POEMAS REEDITADOS

michele soares

Coletânea de versos de Sylvia Plath mostra um monumento poético feito com o rigor de quem desfere golpes sonoros e precisos.

São poucos os lugares do mundo ainda não alcançados pelas palavras de Sylvia Plath — o que não significa que todas as facetas de sua obra tenham sido vertidas para todos os idiomas. No Brasil, por exemplo, apenas muito recentemente coube à poeta carioca Marília Garcia traduzir os versos da norte-americana em um projeto de fôlego, que rerepresenta livros já conhecidos como *Ariel* (1965) sob uma nova roupagem, além de fazer desembarcar no país obras inéditas como *O Colosso* (1960) e boa parte da seção *Poemas Esparsos*. O encontro dessas duas grandes vozes no texto produziu a *Poesia Reunida* [Companhia das Letras, 2023], projeto bilíngue que lança luz sobre cantos ainda recônditos da produção de uma das vozes mais viscerais do século XX.



Desde o primeiro momento, o leitor é tragado pela atmosfera de “virulência calma” que perpassa os escritos de Plath, para falar nos termos de “Berck-Plage”, poema longo que integra *Ariel*. Densas florestas de signos bruxuleiam nas páginas, enquanto certos temas recorrentes alimentam a percepção de continuidade mesmo entre livros díspares. Destacando algumas das linhas de força fundamentais da obra, é quase impossível ignorar o signo da morte, que estampa títulos como *Duas visões de uma sala de cadáveres* e *O suicídio em Egg Rock* — em tantos poemas “Por trás, a luz de um branco ósseo, como a morte”, para lembrar os versos de “Insonne”.

E, no entanto, a morte não é tudo o que mais reluz no universo poético de Plath — ou, ao menos, talvez não devesse ser. Basta lembrarmos que a morte não configura apenas um tema central de sua obra, mas também é um fato extraliterário marcante. Quem de nós não tem gravado à exaustão na própria mente a narrativa de seu suicídio? Somada ao tom intimista, que podemos atribuir a sua inscrição na geração de poetas confessionais norte-americanos em atividade nas décadas de 50 a 60, essa consciência do destino trágico de Sylvia pode fornecer uma espécie arriscada de prisma de leitura para o signo da morte em seus versos. Quando se trata de poetas que alimentam o imaginário da artista jovem e promissora, embora deprimida e suicida, a exemplo de Ana Cristina Cesar, Anne Sexton e da própria Plath, algo parece nos convidar à releitura de suas vidas e de suas obras à sombra de seus finais trágicos. Essa espécie mórbida de jogo de gato e rato parece colocar alguma ênfase no signo da morte, impactando, naturalmente, na recepção que fazemos de seus livros. Afinal, tirando a morte do horizonte poético e existencial de tais poetas, o que resta?

Um mundo inteiro — e que se oferece à contemplação em toda a sua magnitude, no caso de Sylvia Plath. O universo botânico, soturno e solene, protagoniza escritos como *Olmo*, *A lua e o teixo* e *Tulipas*. As flores, supostas insígnias de delicadeza, aparecem versadas em toda a sua monstruosidade, movimento que ecoa na recepção que Ana Martins Marques faz da poesia da norte-americana quando dedica *Um jardim para Sylvia*: “Instalam pequenas feras/na sala de estar/pequenos corações abertos/crus/e depois não querem que doa.”

Entre asas de vidro, facas, espelhos, cristais, vidraças de gelo e demais estilhaços que refletem ou deixam ver através, as palavras de Plath rebrilham, dando forma a algo do belo e do terrível que deve nos envolver, como dito por Rainer Maria Rilke em um de seus escritos célebres. Outros poemas são atravessados por choros rascantes de bebês, enquanto tragédias grandes e pequenas, íntimas e históricas são costuradas com maestria

umas nas outras — “Ó amor, ó celibato. / Caminho sozinha / Com água até a cintura. / O ouro não se renova / Ele sangra e afunda, nas gargantas de Termópilas”. Também as palavras de castidade, esterilidade e maternidade — aludindo, inclusive, aos símbolos bíblicos como em “Canção de Maria” — são colocadas em cena para serem estranhadas, reviradas e desmontadas.

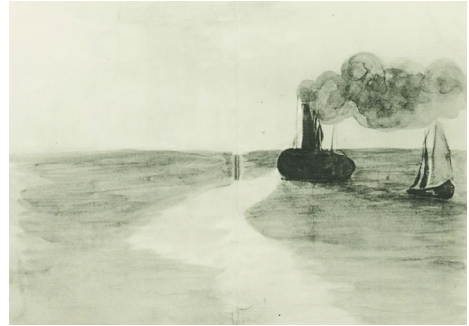
Do começo ao fim, percorrer a poesia de Sylvia Plath é testemunhar como a língua articula-se em construções da mais alta-voltagem. Poesia Reunida é um monumento poético feito com o rigor de quem parece segurar um cinzel ou uma faca, a desferir golpes tão sonoros quanto precisos. Vinda de uma virtuose da língua inglesa, a poesia de Sylvia renasce no país, imperiosa como *Lady Lazarus* (Das cinzas me levanto, / Ruiva, sem nenhum disfarce / E devoro homens como se respirasse), para terminar com alguns de seus tantos versos lapidares, que, entalhados na retina de seus leitores, são suficientes para jamais esquecê-la.



MANET NO RIO

matheus lopes quirino

Luz solar e racismo impactaram o jovem pintor Édouard Manet, que esteve no Brasil.



Édouard Manet, um mestre da luz e sombra, foi uma criança espreitada. Não era lá tão aplicado no Liceu, o que fez com que fosse reprovado em diversos caminhos escolares, como a carreira de marinheiro, que ambicionou na juventude. Ao invés de pegar em armas, remos ou cordas, Manet, com apenas 16 anos embarcou a bordo do “Havre et Guadeloupe” em direção ao Brasil, país que no final do século 19 inspirava jovens franceses por conta do exotismo evocado pelas pinturas idílicas e naturalistas dos acadêmicos europeus que aqui estiveram para retratar a exuberância da natureza – e a decadência da corte.

No caminho, o pintor fez a alegria de companheiros de viagem com caricaturas do cotidiano arrastado no navio-escola que cruzou o Atlântico na passagem dos anos de 1848 para 1849. A travessia durou cerca de dois meses até a embarcação aportar no Rio de Janeiro. Entre turbulências e maremotos, Manet pode exercitar o ofício de missivista compulsivo, tendo escrito, quase todos os dias, à mãe. Esses relatos do jovem pintor reluzem em uma esmerada edição pela editora Ercolano. *Manet no Rio* mostra como a viagem aos trópicos influenciou a pintura e marcou uma nova percepção das cores pelo pintor francês.

Com textos de apoio do professor Felipe Martinez e da pesquisadora Aleksandra Matias, a edição apresenta notas explicativas, sem recorrer a revisionismos ou abreviações. Ao contrário. Seus editores escolheram contextualizar termos preconceituosos, datados e até equívocos do marinheiro de primeira viagem, que se referia a golfinhos como peixes, ao passo que também se aborrecia com a escravidão – mesmo que as palavras (e a consciência de um jovem europeu abastado) não fossem das mais agradáveis ao descrever grande parte da população brasileira. “Neste país, todos os negros são escravos; todos esses desventurados têm o semblante embrutecido; o poder que os brancos exercem sobre eles não é normal; vi

um mercado de escravos, um espetáculo bastante revoltante para nós; os negros vestem uma calça, às vezes uma blusa de pano grosseiro, mas, em sua condição de escravos, não têm permissão para usar sapatos”, descreve o pintor na primeira carta escrita à mãe em solo brasileiro.

Com prefácio e notas de Régis Mikail, a edição é acompanhada de desenhos e rascunhos do francês, que observou o contorno malemolente das mulheres negras que se defrontou, atribuindo, contudo, beleza, às outras mulheres (brancas), as quais chama de “brasileiras”. Na cabeça pueril de Manet, o mito da brasileira sensual e faceira é desfeito, como comenta o narrador: “As brasileiras costumam ser muito distintas e não merecem a reputação de levianas a que se atribui a elas na França; ninguém pode ser mais pudica e tola do que uma brasileira, elas nunca aparecem de dia na rua; de noite, apenas às 5 horas, todas vão para as janelas, somente então se pode espreitá-las à vontade”.

Impressionado com a precariedade da então capital federal, Édouard Manet, no entanto, ficou boquiaberto com a beleza natural do Rio. Foi influenciado pela luz solar abundante, conferindo especial mirada aos reflexos dos raios nas ondas do mar, como quando visitou a baía de Guanabara. Como defende o professor Felipe Martinez, no posfácio, embora tenha “apontado caminhos aos impressionistas, não deve ser confundido com eles”. Autor dos famosos nus femininos pintados em *Olympia* e *Almoço na Relva*, Manet conferiu a suas criaturas um semblante atordoado, meditativo, em estilo figurativo e próximo ao realismo, como se verá em trabalhos posteriores, como *O Tocador de Pífaro*.

Essa proximidade com o estado cotidiano, esse peso de realidade, é o elo entre Manet e a gênese das desgraças humanas, que começam justamente na figura de suas criaturas, engravatadas e de fardas, capazes de escravizar e causar dor. Embora se deixe guiar pelas luzes e sombras do clima tropical, Manet retorna à Europa impactado pelo racismo e as mazelas presenciadas no Brasil. Na França pintou a negra Laure, em 1862, retrato de uma imigrante de admirável fisionomia e serenidade. Evidentemente, motivo de choque para a parcela conservadora, incomodada quando o foco foi colocado em um afrodescendente de forma positiva.

Manet, embora vivesse em uma sociedade racista, não passou despercebido pela miséria humana. Não teve a carreira jurídica ou as credenciais aristocráticas esperadas pelos pais, mas seguiu fiel ao seu ofício, se não como marinheiro, mas levando as lições aprendidas a bordo para a vida, fizesse sol ou tempestade.



ao lado, que pediam os mesmos nomes — Borges, Cortázar, Bioy Casares, Neruda, García Márquez.

Experimentei doses de ternura por meus rostos conhecidos na cidade, em renovação de algo que acreditara ter se esgotado em meu peito ainda no Brasil. Todos se despediram com pesar da boa Virgínia — a pronúncia Vírria —, a chica brasileira que viera anos antes para os Aires.

Cerro os olhos, em tentativa de ouvir o rio no horizonte. Apenas o fluxo surdo do silêncio cortante, densidade do mar que eu própria despejara.

A lágrima resvala imperceptível no vazio da janela. Abandono a vista, o embate das casas coloridas com o céu cinza. Fecho a gaiola das meditações adormecidas e espero que o Sol me aguarde do outro lado do mar.

Cheguei aqui sozinha, também devo partir sozinha. Resignei-me a dizer quando Dona Augustina se ofereceu para me levar ao aeroporto em Aires. Saio da edícula, duas malas de couro nas mãos, e penso em quando primeiro coloquei meus pés nos degraus que levavam aos dois cômodos que passei a chamar de casa. Segui o endereço que Padre Cícero escreveu no pedaço de papel, entregue pelo condutor quando me deixou no ponto de ônibus, em

Buenos Aires. Sucumbida pelo cansaço da jornada, me atirei na calçada em aguardo do autobus que levaria à cidade apontada. Puxo a lembrança como quem inspira ar rarefeito. Quarenta minutos com o olhar fixo no cenário que se estendia pelo visor, um panorama turvo pelas lágrimas teimosas que ardiavam o olho esquerdo. Quando por fim me encontrei em frente ao endereço de Dona Augustina, ostentava o semblante da queda.



Não sinalizei ao portão. Apenas fiquei parada pelo que pareceu várias viradas da ampulheta na frente da casa amarela. Por intuição, a senhora de vestido florido abriu a janela de madeira, encontrando minha figura de derrota como vista. “La chica de Padre Cícero! Entre, entre.” O tom acolhedor do convite foi o estopim para algo que implodiu em meu peito.

As emoções reprimidas na viagem explodiram em algum lugar inacessível. O choro não parou quando Dona Augustina me ofereceu um almoço tardio e uma xícara amarela com chá de ervas. Não cessou quando me arrastei para o chuveiro, a água fria esvaindo outros líquidos, suor e lágrimas para o abismo do ralo. As lágrimas só secaram quando um dia, diante da imensidão do rio, os barcos flutuando, elas se acovardaram.

Após minha chegada, os ventos frios trouxeram o anúncio da morte do vínculo com o Brasil. Chorei a perda do elo, sofrendo o despedaçar de minha pátria. Viúva desde meados da década de cinquenta, Dona Augustina tomou-me amiga, e por que não dizer, como filha. Tempos que eu já estava estabelecida, arrumou-me um emprego com Seu Jorge na floricultura “Una chica joven e inteligente, necesita un trabajo decente para distraer los demonios de las ideas”. Quantas vezes estive perto de confessar meu infortúnio [...].

Algo sempre me deteve, sabia reconhecer os limites. No espelho, a verdade: um fantasma com rosto.

Construí uma vida, e hoje a destruía, com as próprias mãos e a pronúncia de um nome brasileiro. Um mês, e os planos foram arquitetados. Aquele dia, voltei da floricultura, passos calmos pelas calçadas desniveladas, para encontrar Dona Augustina de ouvidos no rádio, mãos segurando as antenas para estabilizar a transmissão. Fez sinal de silêncio e pediu que me aproximasse. Juntas, ouvimos o timbre do radialista anunciar a Anistia. Uma voz sem rosto por ondas invisíveis selou meu destino: havia de regressar. Segui a obstinação resignada como se não houvesse outra alternativa. Não havia, uma vez que podia voltar, permanecer era impossível. Estava aberta a caixa das inquietações incandescentes. Palavras de cartas nunca escritas que tiravam o sono.

Dona Augustina compreende a sina. Começamos os preparativos de minha volta sem discutir o assunto. Nossas despedidas silenciosas se prolongaram por todo o mês, empanadas de domingo, chás de menta, andares pelas ruas íngremes. Virgínia se apagava dos registros, nome perdido entre as páginas, para dar lugar à incandescente tinta que assinava as cinco letras insígnias de minha anistia. Lígia. Dona Augustina entenderia a falta lágrimas no último abraço, sabia que meus olhos eram terra árida, assistira como testemunha ao esgotamento. Tomei as malas, uma em cada mão, e entrei no táxi. Não deixava estandartes da ausência, substituí os acenos por imaginação. Pelo retrovisor, pensei assistir a Dona Augustina abrir o armário à procura do chá, o espanto ao encontrar o rastro de presença em porcelana. A xícara amarela.

TORCH SONGS

victor squella

Carregamos em nossas costas
os mortos como um sonho,
(o primeiro do qual nos lembramos)
– Não podemos olhar
cuidadosamente sem perder de vista
detalhes, rostos –
Não podemos ver
sem perder
uma presença.
Escapa apenas alguma coisa
de incenso daquele sonho
o primeiro lembrado
feito uma seta
na direção dos passos.

É necessário ainda que façamos estes buracos, comecemos
algumas escavações –
se possível encontrar estes nacos
outros
em nós;
(uma farpa presa no pé que não se pode encontrar.
dói ao apoiarmos os pés
no chão mas o olho
nu não enxerga.)

Tenho queimado estas flores
que recebo
antes que o tempo
as tome.
Antes o fogo ao relógio,
eu digo
uma oração.

Busco esta língua que se esconde
sob esta —
uma outra forma.
Poder dizer com a sombra
de uma língua antiga.

Manda notícias desta outra língua
quando olho
por um tempo prolongado
estas palavras —
(quase através)
Tento sempre retirar desta forma
de dizer uma outra
como quem olha para um espelho
procurando algo inédito;
uma tela que capte este outro
sabor que abre —
após se instalar no dizer —
outras papilas

quando se descobre este
idioma
usando apenas
os instrumentos
que não temos
à mão.





CASAIS

maria paula curto

A mulher era bem mais alta do que ele, o que chamava atenção de todos na praça. E olha que ela não usava salto. Ela era gigante e o rapaz, que aparentava ser mais novo, era quase um tampinha. Mas as mãos não desgudavam. Marcavam um fim de semana na praia, creio que na casa do tio dele, para aproveitar esse calor fora de época em terras paulistanas. Não sabiam se saíam na sexta pela manhã, para evitar trânsito, ou mesmo na quinta, fim do dia. Com o home office, bastava levar o micro e tudo certo. Ela não queria ir na quinta. Não mesmo. Alegava mil reuniões com chefe, pares, clientes, todas no fim do dia e que certamente estaria exausta. Não sei. Parecia que havia algo mais. Talvez algum encontro secreto com um outro, que conseguiria abraçá-la por trás e beijá-la na nuca, como sempre desejou. Um homem alto, bem alto, que daria seu peito em oferta à sua cabeça, ali, no meio daquele jardim e que a faria rodopiar ao som da sua voz grave, cantarolando Chico. Essa quinta não. Por favor. Deixe a moça rodar. Ela precisa.

O que não passa é a sensação de que, nessa praça, só há uma pessoa realmente sozinha. Na outra esquina, dois rapazes, conversando animadamente e com aquele sorriso no rosto de quem está se descobrindo fresco, jovem, repleto de energia. Eles falavam, falavam e falavam. As palavras eram jogadas num ritmo tão rápido, e iam caindo, caindo, umas sobre as outras, sem nenhum sentido lógico. Mas o que a lógica tem a ver com isso? O que se desenrolava naquela cena prescindia da razão. Transbordava pelos poros. Escorria pela pele. Formava pequenas poças na calçada. Olhei para cada uma delas tentando perceber o seu reflexo. Em vão. Não há narciso em mim.

Embaixo da marquise da loja fechada – mais uma que não resistiu à pandemia – havia quatro pés embaixo de um papelão. Sujos, cheios de feridas, próximos, quase entrelaçados. Dois deles estavam entregues. Inertes. Os outros dois encontravam-se rígidos, como em posição de vigilância, preparados para uma possível fuga. Bastava um aviso, um alerta, um chamado. O problema era saber para onde aqueles pés poderiam seguir. Que caminhos eles conseguiriam percorrer. No entorno desses pobres pés, havia restos de comida dentro de uma marmita de alumínio amassada e algo que... parece...ai Deus... não parece, é. É um cachimbo. Percebo então que a fuga já se deu. E pelo visto, há bastante tempo.

Um pouco mais a frente, vejo uma moça se despedindo de alguém. Olho em volta e voilà! Lá está ele. Um belo rapaz atravessando a rua para entrar num carro de aplicativo. Após cumprimentar o motorista – o moço é bem educado – e fechar a porta traseira com cuidado, ele sorri para ela. Ela sorri de volta. O sinal abre, o carro acelera e desaparece. Do sorriso meio amarelo, já saudoso, nasce uma certa tristeza que vai tomando todo o seu rosto, o pescoço, e para no peito. Ela muda de fisionomia. Não consegue disfarçar. Ninguém consegue disfarçar esse medo. Esse vazio. Que dói bem mais que uma bela topada na canela. Ainda bem que vai passar. Sempre passa.

O que não passa é a sensação de que, nessa praça, só há uma pessoa realmente sozinha. E eu tenho certeza de que vocês sabem quem é.

QUEM FEZ ESTA EDIÇÃO

André Cáceres é crítico literário, editor e escritor, é autor de *Esperando o Dono* (2023) e foi editor-assistente do caderno *Aliás* do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Gabriel Solti Zorzetto é jornalista e escritor, escreve sobre cultura para os jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*.

Giovana Proença é editora da *fina* e pesquisadora em Teoria Literária na FFLCH-USP. Colaborou com o caderno *Aliás*, do jornal *O Estado de S. Paulo*. Escreve sobre livros e literatura para o caderno *Pensar*, do *Estado de Minas*, e para o jornal *Rascunho*. É autora do romance *Os tempos da fuga* (Urutau, 2023).

Matheus Lopes Quirino é jornalista, escritor e fundador da *fina*. Na imprensa, colaborou com publicações como *Harper's Bazaar*, *Folha de S. Paulo*, *RG*, entre outros, e foi editor-assistente do caderno *Aliás* do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Maria Paula Curto é carioca, mãe, mestre em filosofia pela PUC-SP e cronista do site da revista *fina*.

Michele Soares é formada em Letras pela FFLCH-USP. É autora de *câmara acústica* (Quelônio, 2023).

Victor Squella lançou *Escápula* (7Letras, 2019) e *Sair da Piscina* (Edições Macondo, 2022). Faz mestrado na PUC-Rio no programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade, pesquisando o arquivo de Roberto Piva. Também faz traduções.

Ygor G. Sena é arquiteto-urbanista, designer, fotógrafo e pesquisador. Formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela FAUD-USP e é estudante de engenharia de software na 42 São Paulo. Seus trabalhos analisam aspectos estético-políticos, o imaginário e a representação no campo ampliado da arquitetura.

IMAGENS

capa, páginas 5 e 6 • Gervasio Troche.

páginas 3 • Evening. Melancholy I (1896). Edvard Munch.

páginas 8 • The Sandow Trocadero Vaudevilles (1894), cartaz de divulgação das artes cênicas.

página 12 • Piedade de mim. Nick Cave.

página 13 • Oswaldo de Camargo por O Bastardo.

páginas 17 e 19 • Desenhos de Sylvia Plath. The Mayor Gallery.

páginas 21 e 22 • Croquis de Édouard Manet.

página 24 • Views from a window (1953). Herbert List.

página 27 • Querelle (1982). Andy Warhol. The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts.

páginas 28 • Uma mulher lendo (1921). Torajiro Kojima. Coleção Museum of Fine Arts Ghent (MSK).

